

DISPUTA. Duas vagas para o Senado também estão em jogo

Eleição 2018 já move articulações políticas

Disputa em AL deve ser acirrada com dois ministros de Michel Temer

CARLA SERQUEIRA
REPÓRTER

Os políticos com mandato se esquivam de falar sobre 2018. Mas o fato é que as articulações já começaram. Este ano é pré-eleitoral e a próxima disputa por votos, a primeira após a crise política que resultou no impeachment da presidente Dilma Rousseff, será ferrenha, sobretudo em Alagoas. O Estado, agora, além do presi-

dente do Senado, Renan Calheiros (PMDB), conta com dois ministros de Michel Temer (PMDB): Maurício Quintella (PRB), dos Transportes, e Marx Beltrão (PMDB), do Turismo. Isso significa mais alagoanos com grande influência direta em Brasília e, por consequência, no Estado e nos municípios.

Duas vagas para o Senado estarão em jogo. Renan Calheiros e Benedito de Lira, se quiserem renovar o status de senadores, terão que passar pelo crivo das urnas. E não devem estar sozinhos na empreitada. Os ministros alagoanos, o ex-governador e ex-senador Teotônio

Vilela Filho (PSDB), além do deputado federal Ronaldo Lessa (PDT), já tiveram os nomes ventilados para compor a lista de opções. Tantos concorrentes já deixaram em alerta Renan Calheiros que, segundo a coluna Radar Online, da Veja, na próxima segunda-feira deve se reunir com Maurício Quintella para tentar acertar os ponteiros, tudo indica que a pedido de Temer.

“O cenário é bastante complexo”, considera a cientista política Luciana Santana. “Renan ainda é um homem forte do PMDB nacional e em Alagoas. Ele vai investir pesado nas eleições. As chances de ele

ganhar vão depender de seus concorrentes”, explicou. Renan Calheiros é senador desde 1995 e este ano finaliza o seu terceiro mandato. É do mesmo partido que o ministro Marx Beltrão, cuja família, a exemplo do chamado “Clã dos Calheiros”, amplia cada vez mais seu poder na “Terra dos Marechais”. Deputado federal de primeiro mandato, Marx conquistou o cargo de ministro e conseguiu eleger parentes para cinco prefeituras (Feliz Deserto, Jequiá da Praia, Coruripe, Penedo e Piaçabuçu), além de aliados sem Beltrão no sobrenome, a exemplo de Júlio César,



Luciana Santana vê ‘cenário bastante complexo’ para as eleições

em Palmeira dos Índios. Com o seu apoio, em outubro passado, o nanico PSD elegeu oito prefeituras em Alagoas.

“Quando a eleição para o Senado em Alagoas é disputada por mais de dois nomes competitivos, a tendência é haver a divisão de votos”, avalia Luciana Santana, mencionando as eleições de 2010, quando duas vagas foram disputadas por Renan Calheiros, He-

loísa Helena (Rede) e Benedito de Lira (PP), este último o menos desacreditado mas, com investimentos na campanha eleitoral, conseguiu desbancar a então candidata do PSOL. “Quem votava em Renan não votava em Heloísa e vice-versa, mas quem votava em algum dos dois podia votar em Benedito de Lira, que acabou tirando votos dos dois favoritos”, afirmou Santana.

Estratégia de campanha pode explorar até a crise econômica

A crise econômica, que tem feito o governo federal apertar os cintos e exigir menos gastos dos estados e municípios, será um trunfo para as eleições de 2018. Com as prefeituras fazendo milagres para governar com sucessivas quedas nos repasses de verba, os políticos mais próximos do eleitorado terão papel importante nas articulações, a exemplo dos deputados estaduais. O governador Renan Filho (PMDB), que também terá que vencer nas urnas se não quiser desistir do segundo mandato, pode se favorecer com “o tempo das vacas magras”, de acordo com a cientista política Luciana Santana. “Apesar de Renan Filho ter saído fragilizado das eleições municipais, ele tem a máquina do Estado na mão e, por causa disso, tem alternativas para angariar alguns apoios perdidos no interior”, diz ela.

O PMDB de Renan Filho perdeu as eleições em Maceió, com o deputado federal Cícero Almeida derrotado no segundo turno

pelo prefeito Rui Palmeira (PSDB), que, ainda durante a campanha do ano passado, já tinha torcida para sua candidatura ao governo do Estado. Mesmo elegendo 38 prefeitos, o maior número entre os partidos, o PMDB perdeu em cidades com grande número de eleitores, a exemplo de Arapiraca, Rio Largo e Palmeira dos Índios, além da capital.

“Mas Alagoas está em situação financeira melhor do que boa parte dos Estados; está em situação favorável, pode fazer parcerias com as prefeituras. Então há chances de o governador reconquistar apoios”, explica Luciana Santana, acrescentando que o cenário político de 2018 vai definir o leque de concorrentes

que ele deve enfrentar. Além do prefeito Rui Palmeira como possível candidato, os ministros Maurício Quintella e Marx Beltrão, dando vazão ao que a cientista política chama de “ambição progressiva”, podem achar mais viável disputar a vaga de governador. “Teremos quatro nomes fortes para o governo”, aposta ela.

Nos redutos eleitorais, devido à crise econômica e às dificuldades financeiras previstas como desafios para as prefeituras, deputados estaduais e federais podem fortalecer seus nomes, conforme indica Santana. No cenário estadual, a dificuldade será a mesma de eleições anteriores: a renovação de quadros. Ou seja, pouca coisa deve mudar na representação política dentro da Assembleia Legislativa e na Câmara dos Deputados, em Brasília. Além da crise econômica, novas regras eleitorais, que podem ser aprovadas pelo Congresso, podem definir o rumo de candidaturas em 2018. **CS**

Influência

Com as prefeituras fazendo milagres para governar, políticos mais próximos do eleitorado terão papel importante